

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 12 de junho de 2020 às 08h11
Seleção de Notícias

Folha de S.Paulo | BR

Propriedade Intelectual

Por segurança, EUA já discutem crédito para rede 5G no Brasil	3
MUNDO	

Veja.com | BR

Patentes

A movimentação global pela descoberta da vacina contra o Sars-CoV-2	6
SAÚDE	

Convergência Digital | BR

11 de junho de 2020 | Patentes

Economia decide liquidar a CEITEC, mas MCTI quer preservar patentes geradas	10
--	-----------

Por segurança, EUA já discutem crédito para rede 5G no Brasil

MUNDO

Todd Chapman

Embaixador americano afirma que ideia é proteger dados evitando que empresas chinesas forneçam equipamentos a operadoras

ENTREVISTA

Patrícia Campos Mello

Os EUA já discutem com o governo brasileiro e com empresas nacionais o financiamento para compra de equipamentos da Ericsson e da Nokia para a infraestrutura da rede 5G no Brasil. Segundo o embaixador americano no Brasil, Todd Chapman, esse tipo de financiamento é do interesse da "segurança nacional" dos EUA.

A ideia é evitar que empresas chinesas forneçam equipamentos às operadoras de telefonia brasileiras, para que seja possível "proteger os dados e a propriedade intelectual, e também as informações sensíveis das nações".

O financiamento se daria através do International Development Finance Corporation, banco de fomento criado por Donald Trump no fim de 2018, que age como contraponto à Iniciativa do Cinturão e Rota da China e o crédito do Banco de Desenvolvimento da China para obras de infraestrutura em outros países.

Chapman argumenta que permitir empresas chinesas na estrutura de 5G poderia, inclusive, inibir investimentos de companhias estrangeiras.

"Quem quer fazer investimentos em países onde sua informação não vai ser protegida?"

Donald Trump anunciou que, para a próxima reunião do G7, que terá os EUA como anfitriões, convidaria

Índia, Coreia do Sul, Rússia e Austrália para participar. Posteriormente,

Jair Bolsonaro afirmou ter falado com Trump por telefone sobre a participação do Brasil em um G7 ampliado. Qual é o significado dessa reunião ampliada? E o Brasil está convidado? O calendário está tendo muitas mudanças, o governo americano ainda está vendo exatamente como vai ser a reunião do G7 deste ano. As ideias da Casa Branca estão evoluindo, Trump já falou publicamente, vamos ver exatamente como será o cenário para o G7, quem será convidado. A situação é fluida, mas o que é importante é que os nossos presidentes estão falando, e isso é muito bom. Queremos que Brasil seja parte das grandes conversas que temos no mundo.

Há relatos de que o Brasil estaria interessado em lançar um diálogo trilateral com Japão e EUA, iniciativa que teria sido sugerida pelo governo japonês no ano passado. O sr. poderia falar sobre isso? Temos conversas em vários formatos com aliados no mundo inteiro. Queremos maneiras de ampliar as conversas com nossos aliados e queremos incorporar mais e mais o Brasil em nossas estratégias mundiais, em nossas ideias de como os países com visões de mundo semelhantes podem avançar juntos. O Brasil faz parte de nossa ideia.

Várias dessas conversas não incluem a China. Um dos objetivos é discutir como esses países com a mesma visão podem se posicionar em relação à expansão da influência da China? Temos vários foros para conversas diferentes. Quando falamos de economias abertas, liberdade de religião, liberdade de expressão, direitos humanos, a China não tem os mesmos princípios e valores que os nossos aliados.

Como o sr. e o governo americano estão vendo a trajetória da pandemia no Brasil? Qual é o nível de preo-

Continuação: Por segurança, EUA já discutem crédito para rede 5G no Brasil

cupação e como os senhores podem colaborar? Tem sido um grande desafio para o Brasil, como pa-

ra os EUA, esse inimigo invisível. Queremos ser um parceiro para o Brasil nesta pandemia. Por isso, já anunciamos mais de US\$ 12,5 milhões [R\$62,5 mi], incluindo mil respiradores. Os EUA devem entregar a primeira remessa de 200 ventiladores em breve.

Tenho muito orgulho do nosso setor privado no Brasil que já contribuiu com mais de US\$ 40 milhões de ajuda [R\$ 200 mi]. Mas claro que a situação continua muito séria, quando ainda há tantas pessoas sendo infectadas por esse vírus, é muito preocupante.

Há alguma previsão de quando será liberada a entrada nos EUA de pessoas que tenham estado no Brasil? Não há. É para proteção da saúde no nosso país e é muito similar à medida em vigor no Brasil.

O International Development Finance Corporation tem alguma conversa para financiar vendas de equipamentos da sueca Ericsson para a infraestrutura de 5G no Brasil? DFC é uma organização fantástica, com capital de US\$ 60 bilhões [R\$ 298 bi]. Antes ela só podia financiar projetos de empresas americanas, mas a lei mudou, e agora financia projetos de interesse nacional dos EUA. Isso possibilita que a Ericsson e a Nokia recebam financiamento nos projetos de 5G, incluindo aqui no Brasil.

Já existem conversas no Brasil, com o governo ou operadoras de telefonia? Já houve conversas no Brasil, inclusive com minha participação.

Até agora, quais foram os países que vetaram o uso de equipamentos da Huawei na infraestrutura de 5G? Austrália, Dinamarca acaba de anunciar que não vai usar nenhum produto chinês, Japão. As grandes operadoras do Canadá anunciaram que não vão usar equipamento da China. Cada vez mais países estão percebendo que esse não é um assunto comercial, é um assunto de segurança nacional e da segurança da própria economia.

Não temos de esconder os fatos usando palavras diplomáticas: a China comunista tem o hábito de roubar **propriedade** intelectual, isso já é bastante conhecido. Existe uma lei na China que determina que empresas chinesas são obrigadas a entregar informações ao Partido Comunista. Por isso estamos compartilhando essas informações e mostrando nossa preocupação, como um bom aliado.

Mas, no final, são empresas governos e consumidores que vão fazer a sua escolha. Já fizemos a nossa, mais e mais países estão fazendo a mesma escolha, para proteção da economia e o impacto nos futuros investimentos. Quem quer fazer investimentos em países onde sua informação não vai ser protegida?

Isso afetaria a disposição de empresas americanas fazerem investimentos no Brasil? Tudo isso tem impacto no clima de investimentos no país. As empresas levam em conta as leis da propriedade intelectual e também as leis para proteção de dados. Espero que tenhamos, aqui no Brasil, uma decisão que vai satisfazer seu interesse nacional, econômico e de segurança nacional.

O Brasil tem projeções muito ruins de PIB e desemprego. Como está a disposição das empresas americanas de investirem ou manterem investimentos no país? Há duas visões. Os que estão aqui estão tentando fazer o melhor que podem, antecipando uma queda no PIB. Ao mesmo tempo, já recebi ligações e emails de grandes fundos de investimento dizendo que este é o momento para fazer grandes investimentos na infraestrutura, ou pensando em fazer aquisições, porque está barato.

Todas as semanas, fazemos videoconferências com empresas americanas. Vamos continuar fazendo isso para que, quando sairmos da crise, existam acordos e os governos e o setor privado estejam prontos para maximizar essas oportunidades.

-

Continuação: Por segurança, EUA já discutem crédito para rede 5G no Brasil

Todd Chapman, 58

Embaixador dos Estados Unidos no Brasil desde abril de 2020. Durante sua carreira, o diplomata já serviu nas embaixadas dos EUA no Afeganistão e em Moçambique, além de ter passado por postos na Bo-

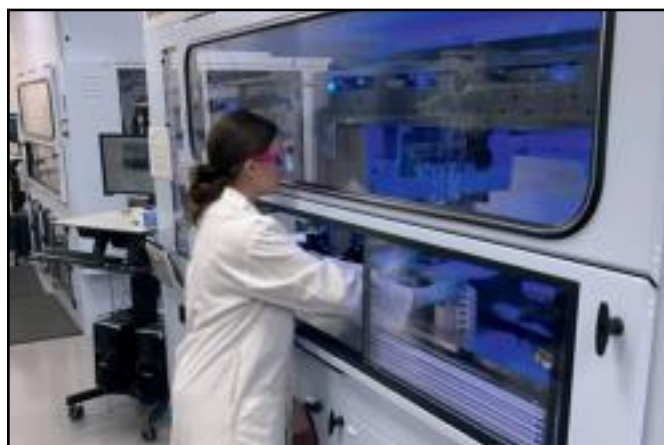
lívica, na Costa Rica, na Nigéria e em Taiwan.

A movimentação global pela descoberta da vacina contra o Sars-CoV-2

SAÚDE



Há um lote contra o novo coronavírus na reta final de desenvolvimento e o Brasil se torna o primeiro país da América Latina a participar dos testes



Com ironia e inteligência, o biólogo Jared Diamond, autor de um livro clássico, *Armas, Germes e Aço*, disse que a pior ideia de saúde da civilização foi a invenção da agricultura. A proximidade de vida humana com os animais selvagens fez chegar a nós as doenças deles, como a peste bubônica, a tuberculose, o sarampo, as gripes e, agora, também a Covid-19 - saltando de morcegos, cabras, porcos e vacas. E qual seria, em contrapartida, a mais espetacular criação do intelecto científico? A vacina, que salvou milhões, talvez bilhões de vidas, e que, ao lado da assepsia e da anestesia, desponta no topo dos grandes feitos da medicina - sem esquecer, é claro, da penicilina. Há no mundo, hoje, exatas 26 doenças prevenidas por imunizantes - mas não para os severos problemas respiratórios provocados pelo novo coronavírus. Não por acaso, vive-se, no aqui e agora, um espetacular e ágil movimento para o desenvolvimento de uma vacina contra o Sars-CoV-2, atalho que autorizaria o retorno definitivo à normalidade possível, com cidadãos imunes. Há pelo menos 135 grupos de trabalho mergulhados na excitante aventura, e estima-se (ou deseja-se) que uma, ou alguma delas, possa ser aplicada maciçamente já no fim de 2020.



A liderança da corrida, deflagrada logo depois da eclosão do primeiro caso na China, com a identificação do genoma do microrganismo, é da Universidade de Oxford, da Inglaterra, em parceria com a farmacêutica britânica AstraZeneca. O consórcio deu a largada, recentemente, na fase 3 de estudos clínicos em humanos, a etapa anterior e derradeira à aprovação e distribuição. E - excelente notícia - o Brasil faz parte da lista de protagonistas mundiais desse capítulo, com o recente aval da **Agência** Nacional de

Continuação: A movimentação global pela descoberta da vacina contra o Sars-CoV-2



Vigilância Sanitária para a realização de testes em seu território. O feito torna o país o único fora da Europa e dos Estados Unidos a integrar o seleto grupo de voluntários. "Pôr o Brasil nas experiências com a vacina em estágio mais avançado contra o vírus é fundamental para fincá-lo no mapa dos esforços internacionais e, assim, termos preferência no acesso ao imunizante quando for aprovado", diz Denis Mizne, diretor-executivo da Fundação Lemann, financiadora dos testes no Brasil ao lado do Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino.

Um dos motivos principais da escolha é, claro, o alto
abpi.empauta.com

número de casos de infecção brasileiros (são mais de 770000 até a quinta-feira 11; no mundo, já se ultrapassou a marca de 7 milhões, com mais de 420?000 mortes). A eficácia de uma vacina é medida pela comparação de sucesso entre a quantidade de pessoas contaminadas que, na fase de investigação, receberam doses reais do medicamento ou placebos, um ou outro. Quanto mais robustos os dois grupos, melhor. Mas há ainda outra razão para o Brasil ter sido eleito. Diz Fraser Hall, presidente da AstraZeneca no país: "A boa reputação no mundo como um centro de fabricação e distribuição de vacinas foi fundamental". Apesar, ressalve-se, do crescimento por aqui também de uma estultice que colou nos EUA, a de pessoas que fazem campanha contra vacinas, alegando um direito individual legítimo, porém absurdo, porque põe em risco o coletivo. No total, 2?000 homens e mulheres de São Paulo e do Rio de Janeiro receberão o composto em julho (o número pode crescer para 5?000, a depender dos resultados iniciais). "Pessoas com os mais diversos perfis e lugares nos procuram para participar, mas a seleção é criteriosíssima", diz Soraya Smaili, reitora da Universidade Federal de São Paulo, instituição que conduzirá os trabalhos em São Paulo. Só serão aceitos profissionais de saúde ou aqueles que atuam na logística de hospitais responsáveis pelo atendimento prioritário de pacientes com Covid-19. Haverá espaço também para os participantes de outro teste anunciado pelo governador de São Paulo, João Doria, numa iniciativa do Instituto Butantan com um laboratório chinês e início previsto para julho.

A busca pela vacina é uma engrenagem vigorosa. Além do produto de Oxford, entre os mais avançadas e promissoras estão os da Moderna, empresa de biotecnologia baseada em Massachusetts, nos Estados Unidos, da farmacêutica americana Pfizer em parceria com a empresa de biotecnologia alemã BioNTech e da Johnson & Johnson. "Nunca houve na história da ciência tantos profissionais trabalhando em torno de um mesmo objetivo", disse a VEJA Mikael Dolsten, líder científico e presidente mundial de pesquisa, desenvolvimento e medicina da Pfizer.

Continuação: A movimentação global pela descoberta da vacina contra o Sars-CoV-2



O Brasil também está na briga com a produção de duas vacinas próprias. A mais alentada é liderada pelo imunologista Jorge Kalil, do Laboratório de Imunologia do Instituto do Coração, em São Paulo, que deflagrou os testes em animais (a outra é da Fiocruz, do Rio). "Os mecanismos de ação são diferentes, mas todas as instituições buscam um mesmíssimo e razoavelmente simples objetivo: enganar o sistema imunológico de forma que ele passe a agir como se estivesse sendo atacado pelo vírus ", diz o oncologista Paulo Hoff, diretor do Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino. Dessa maneira, o organismo cria os anticorpos, soldados afeitos a combater o inimigo, quando de fato ele atacar, e com o mínimo de efeitos colaterais possíveis. O estudante americano Michael Sikorski, de 27 anos, que cursa o 5º ano na Faculdade de Medicina da Universidade de Maryland e foi um dos primeiros voluntários a receber a vacina da Pfizer, resumiu sua experiência a VEJA: "Tive apenas calafrios leves na noite após os testes".

Continua após a publicidade

Sikorski é a peça modesta de um quebra-cabeça bilionário. A Pfizer está disposta a desembolsar 1 bilhão de dólares neste ano em seus laboratórios de imunização - valor quase equivalente ao despendido pelo governo dos Estados Unidos em duas vacinas promovidas pela administração de Donald Trump, apesar de sua sanha anticientífica. No Brasil, apenas o Instituto D'Or gastará 5 milhões de reais para os testes no Rio. Valores altos favorecem (e muito) a velocidade de fabricação, ao autorizar a superação urgente de etapas. O tempo de desenvolvimento das vacinas contra o coronavírus é recorde. "Um novo imunizante demora cerca de dez anos para ser aprovado", explica o infectologista Wilbur Chen, professor e pesquisador da Universidade de Maryland. Uma vacina que tenha começado do zero com o menor tempo de desenvolvimento até hoje foi a da caxumba, provada depois de apenas quatro anos dos primeiros estudos. Trata-se, enfim, de um jogo que, para além de atrair a indústria farmacêutica, envolve uma disputa diplomática entre países - quem chegará



Continuação: A movimentação global pela descoberta da vacina contra o Sars-CoV-2

antes ao pote de ouro, os Estados Unidos ou a China? Isso se, em gesto humanitário, o pioneiro da descoberta abrir a **patente** da invenção. É uma possibilidade, embora remota.

Mas e se não houver uma vacina? A pergunta é incômoda, porém precisa ser feita. O reconfortante é que fazê-la soa mais dramático que a resposta: não será o fim do mundo. O olhar histórico, como aprendido, é sempre bom. É preciso tempo, e a demora não é sinônimo de tragédia incontornável. Mais de trinta anos depois que os cientistas isolaram o HIV, o vírus que causa a aids, não foi anunciada uma vacina - mas o desenvolvimento de medicamentos antirretrovirais, capitaneados pelo AZT, permitiu frear a expansão desordenada e acelerada dos microrganismos, bálsamo celebrado. O vírus da dengue foi identificado em 1943, mas o primeiro composto realmente capaz de representar imunização só foi aprovado no ano passado. Evidentemente, as 700?000 mortes em decorrência da aids, em 2019, precisam ser lamentadas - mas é estatística longe do quase 1,8 milhão de óbitos anotados há dez anos em todo o mundo. Convive-se mais dignamente com o HIV. No caso da dengue, cujo vetor é o mosquito *Aedes aegypti*, as cerca de 5?000 mortes anuais seriam reduzidas sobretudo com a melhora do saneamento em regiões pobres. Haveria, portanto, olhando-se para o comportamento de outras epidemias viróticas, modos de convivência com o novo coronavírus - ainda que vasta parcela da população não tenha adquirido imunidade.

É possível que sejamos forçados a conviver com o Sars-CoV-2 como convivemos com as gripes. A esperança de eliminar o vírus começa com uma vacina - mas não representa o fim do caminho. Larry Brilliant, CEO da Pandefense Advisory, consultoria formada por epidemiologistas que trabalhou com a OMS na erradicação da varíola, usa uma metáfora: "Não será como ver um arco-íris ou unicórnios mágicos". Cientificamente, há a possibilidade de surgir uma vacina que ofereça apenas um ano de proteção. "E

estaremos fadados a fazer com que a Covid-19 se torne endêmica, infecção que estará sempre conosco", diz Brilliant. E, sem vacina, o mundo ingressará de vez no "novo normal", como se habituou chamar o cotidiano depois da pandemia de 2020, ponto de inflexão na recente história da humanidade. A vida mudará - feita de máscaras, de permanente lavagem de mãos, de menos beijos e abraços, de algum distanciamento físico, de muito trabalho e educação a distância, de salas de aula mais vazias. É adaptação possível, sim, e nem tão complexa - e, de algum modo, funcionaria como uma vacina, até que os laboratórios enfim anunciem a grande e esperada descoberta. Mas o que se quer é a chamada bala de prata. Hanneke Schuitemaker, chefe global de descoberta e medicina transnacional de vacinas virais da Janssen Vaccines & Prevention, da Johnson & Johnson, ouvida por VEJA, oferece a mais adequada e bonita constatação: "Um remédio salva vidas, uma vacina salva populações".

Continua após a publicidade

Colaborou Jennifer Ann Thomas

Publicado em VEJA de 17 de junho de 2020, edição nº 2691

RelacionadasMais Li-
 dasEntretenimentoEntretenime ntoApós adiamento,
 festival de Coachella é cancelado por causa do co-
 ronav írusSaúdeSaúdeCovid-19: pico de casos no
 Brasil será no início de julho, diz es-
 tudoSaúdeSaúdeVacina contra coronavírus será pro-
 duzida por SP até junho de 2021SaúdeSaúde**1Home**
 p ageBrasilBrasil**2Governo** decreta quarentena no
 país por 30 diasPolíticaPolítica**3Entrevista** ex-
 plosiva de empresário agrava a situação dos Bol-
 sonaroE conomiaEconomia**4Auxílio** emergencial:
 caso de William Bonner expõe falha grave no sistema
 CoronavírusVacina

Economia decide liquidar a CEITEC, mas MCTI quer preservar patentes geradas

O Ministério da Economia decidiu não mais privatizar, mas, sim, liquidar a CEITEC, criada no governo Lula para ser a estatal indutora de uma indústria nacional de microeletrônica. Os responsáveis pelo projeto de privatização sustentaram em reunião do Conselho do Programa de Parcerias de Investimentos, nesta terça-feira, 10/06, que a decisão era a de recomendar a liquidação da estatal de chips por falta de interessados. A venda estava articulada para o começo de 2021.

Ao Jornal do Comércio, de Porto Alegre, um dos fundadores e articuladores da CEITEC, engenheiro e professor, Adão Villaverde, diz que a decisão 'é uma punhalada na estratégia da indústria 4.0 no Brasil'. Fato é que a CEITEC - que importou mestres, doutores e especialistas brasileiros que estavam atuando em outros países- não têm dado lucro há anos. O or-

çamento da estatal é de R\$ 86 milhões e o faturamento fica, em torno, de R\$ 15 milhões.

À reportagem, o secretário-executivo do, agora, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Julio Semeghini, diz que há a intenção de transformar a CEITEC em uma Organização Social (OS) e, assim, preservar parte dos talentos - mestres, doutores e especialistas - e dos ativos, especialmente os intangíveis, como as **patentes** geradas nos últimos anos. A proposta é transferir isso para o ministério.

"A liquidação não será feita de qualquer forma. Não queremos ter uma interrupção nos projetos da Ceitec e se houver interessados em absorver a parte que não fará parte da OS, queremos que essa empresa mantenha essa produção industrial no País", completou Semeghini.

Índice remissivo de assuntos

Propriedade Intelectual

3

Patentes

6, 10